



ESHOJE



ANOS DE
ESPÍRITO
SANTO

Fundado em 19 de julho de 2000
por Carlos Roberto Coutinho

Vitória, 22 de maio de 2026)) Ano XXV)) Nº 1305
Edição Gratuita Semanal)) www.eshoje.com.br

/eshoje @eshoje eshoje eshoje

POLÍTICA

Risso é o mais antigo na disputa do TJES)) 5



DIVULGAÇÃO

COLUNA

A luta para salvar a democracia)) 6



ESHOJE

CULTURA

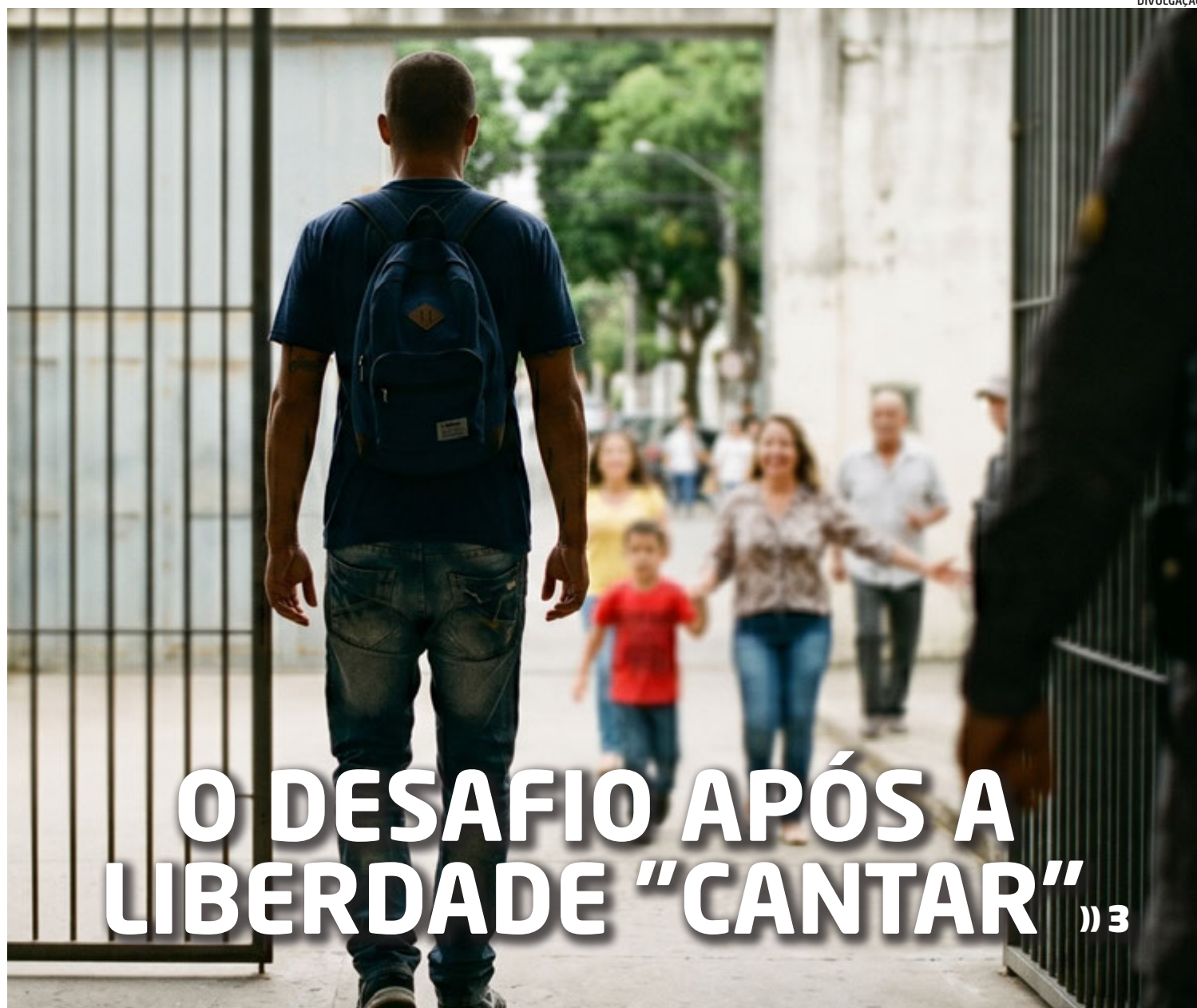
A geologia transformada em arte)) 8



DIVULGAÇÃO

ES tem déficit de 60 CAPS e famílias pagam a conta

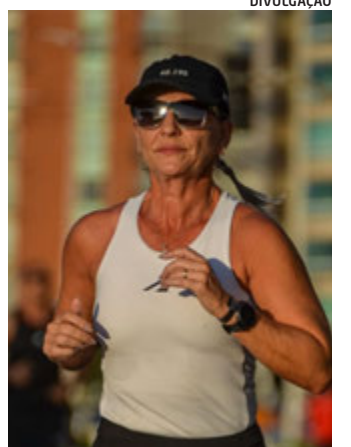
Falhas na rede de saúde mental no Estado dificultam tratamento da esquizofrenia e contribuem para intensificação de crises, reinternações e sobrecarga das famílias)) 4



DIVULGAÇÃO

O DESAFIO APÓS A LIBERDADE "CANTAR")) 3

Estado virou referência nacional após superar o colapso prisional, mas especialistas alertam que reincidência segue sem resposta



DIVULGAÇÃO

A META DE CRUZAR A LINHA NA MARATONA

Atletas amadoras buscam superação pessoal na Maratona de Vitória)) 7

NA TAÇA, MENOS STATUS E MAIS ALMA

Nova geração busca origem e autenticidade ao escolher vinhos)) 9

FOTO DA SEMANA



DIVULGAÇÃO

As forças de segurança do Espírito Santo realizaram, entre segunda-feira (18) e quarta-feira (20), uma grande operação policial na região Noroeste do Estado. A Operação Estado Presente reuniu ações de policiamento ostensivo, cumprimento de mandados judiciais, fiscalizações e abordagens em todos os 20 municípios da região.

EDITORIAL

A cruel fila de espera

Mais de mil pessoas aguardam por um transplante de órgão no Espírito Santo. Mil histórias interrompidas pela angústia. Mil famílias vivendo entre a esperança e o medo. Mil brasileiros dependentes não apenas da medicina, mas da consciência coletiva de uma sociedade que ainda trata a doação de órgãos como um assunto distante — até que a tragédia bata à porta.

Os avanços tecnológicos anunciados nos últimos anos mostram que o problema não está apenas na burocracia. A criação da Autorização Eletrônica de Doação de Órgãos (AEDO), regulamentada pelo Conselho Nacional de Justiça, representa um passo importante ao permitir que qualquer cidadão registre oficialmente, pela internet, sua vontade de ser doador. O processo é gratuito, digital e relativamente simples. Ainda assim, o número de doadores segue muito abaixo da necessidade real do sistema de transplantes.

Isso revela uma verdade desconfortável: o Brasil ainda falha em construir uma cultura sólida de doação de órgãos.

A fila cresce silenciosamente enquanto campanhas públicas aparecem apenas em datas específicas ou em momentos de comoção nacional. Falta permanência. Falta educação social. Falta transformar o tema em debate contínuo dentro das escolas, igrejas, univer-

sidades, empresas e meios de comunicação. Porque doar órgãos não é apenas um ato médico. É um pacto civilizatório.

Há também uma contradição evidente. O país já demonstrou capacidade técnica para realizar transplantes complexos, ampliar centros especializados e integrar sistemas digitais de autorização. A tecnologia avança. A legislação avança. Mas a mentalidade coletiva avança em ritmo muito mais lento.

Em muitos casos, a negativa familiar ainda impede a doação mesmo quando havia desejo do falecido. Isso ocorre porque milhões de brasileiros nunca conversaram sobre o tema dentro de casa. A morte continua sendo tratada como tabu. E o silêncio, nesse caso, custa vidas.

A discussão sobre incentivos também merece maturidade. O Paraná abriu precedente ao criar benefícios culturais para doadores cadastrados. A medida certamente gera debate ético, mas tem o mérito

de provocar uma pergunta necessária: o que o poder público está disposto a fazer para salvar vidas? Se governos oferecem estímulos fiscais para inúmeros setores da economia, por que ainda hesitam em criar políticas permanentes de incentivo à doação?

Enquanto isso, pacientes renais seguem presos a rotinas exaustivas de hemodiálise. Pessoas com insuficiência hepática convivem com a deterioração gradual do corpo enquanto aguardam um telefonema que talvez nunca chegue. A fila do transplante não é apenas um dado estatístico. É um retrato brutal da corrida contra o tempo.

O Espírito Santo, assim como o restante do país, precisa entender que doar órgãos não deveria ser exceção admirável. Deveria ser consciência coletiva. Porque a realidade é que a humanidade de uma sociedade também se mede pela capacidade de transformar a dor de uma perda na possibilidade de continuidade da vida para alguém.

ESPAÇO DO LEITOR

Escala 6x1

O debate sobre a organização das jornadas de trabalho no varejo, incluindo a escala 6x1, avança no Brasil e reflete uma preocupação legítima com bem-estar, produtividade e sustentabilidade das relações de trabalho. Nesse contexto, mais do que defender ou rejeitar formatos específicos, torna-se essencial analisar como essas mudanças se conectam a temas estruturais do varejo, como cultura organizacional, liderança, engajamento e execução. Mesmo se aprovada, precisamos ter clareza que a mudança na jornada, por si só, não resolve os principais desafios de gestão de pessoas no varejo e pode até criar uma falsa sensação de solução. O erro está em tratar o problema como uma equação de horas, quando, na verdade, ele é uma questão de sentido. O varejo que prospera no longo prazo não é aquele que apenas ajusta escalas ou processos, mas o que entende que resultado sustentável nasce de propósito, cultura e liderança. Sem isso, essa mudança se tornará paliativa. Um dos maiores riscos do setor é manter pessoas operando como “meras engrenagens” de um sistema. Independentemente da escala adotada, o desengajamento persiste quando o colaborador não encontra significado no que faz. Um dia a mais de folga não compensa a sensação de invisibilidade, de falta de reconhecimento ou de ausência de pertencimento.

Paulo Brenha

Brasil do imediatismo

O Brasil é frequentemente descrito como o “país do futuro”, mas o problema é que este futuro nunca chega! Somos a última Coca-Cola gelada do deserto: um potencial imenso, mas ninguém mais parece acreditar. A pergunta nos corredores do poder e nas mesas de jantar é simples e ao mesmo tempo devastadora: por que, afinal, o Brasil nunca vai para frente? A resposta simples revela a ausência de um plano de longo prazo. No entanto, se escavarmos mais fundo para entender os motivos disso que mais parece uma maldição, encontraremos uma raiz profunda escondida em nossa história chamada: imediatismo. Esta maldição é um vilão invisível e silencioso que desenhava nossos fracassos ao longo dos séculos. O imediatismo nos faz trocar projetos de crescimen-

to real por soluções urgentes e paliativas. É ele que nos empurra a aceitar migalhas hoje, ignorando o banquete que poderíamos desfrutar se tivéssemos a paciência de preparar a terra e esperar a colheita, e é por isso que somos o celeiro do mundo que continua alimentando-se das sobras. O resultado dessa pressa histórica é o que a economia chama de “voo de galinha”: pequenas fases de crescimento seguidas por quedas bruscas. Vivemos em um ciclo crônico de repetição, onde promessas populistas surgem como salvadoras, mas apenas alimentam a mesma engrenagem que nos mantém reféns do subdesenvolvimento. Mas por que então um país que carrega esta maldição seria a última coca gelada do deserto? A resposta é simples: porque ainda não passamos pelo ciclo de desenvolvimento educacional e de produtividade que transforma nações.

Thaís Vieira de Souza

A Copa da divisão

Pensar a seleção como um grupo de 22 jogadores e uma comissão técnica é reduzir demais o que ela representa. Ela sempre foi muito maior do que o próprio esporte, pois a cada partida, o país parece reencontrar algo raro: um sentimento coletivo de pertencimento. Por algumas semanas, 22 atletas se tornam 214 milhões de torcedores. A nação lembra que ainda sabe torcer junto, sonhar junto, vibrar junto. Enfim, o futebol vira espelho de uma autoestima tantas vezes ferida no cotidiano. Quando a bola rola, sem sombra de dúvidas, não são somente onze em campo, mas o imaginário de milhões projetado em cada passe, em cada defesa, em cada gol. É como se cada pessoa estivesse ali driblando as dificuldades da vida, transformando as frustrações em persistência, buscando, simbolicamente, o gol da esperança. Mas o país mudou, e o futebol sentiu. O que sempre foi território neutro agora parece atravessado por disputas que antes ficavam do lado de fora do estádio. As cores da camisa, antes símbolo de união, passaram a ser vistas por alguns como algo a ser rejeitado, a ponto de quererem modificar as suas cores. Jogadores são julgados por ideias, não por jogadas. A paixão vira disputa. O que antes unia, agora divide.

Beatriz Breves

ES vence crise prisional, mas reincidência persiste

Estrutura avançou, mas ressocialização segue como desafio para reduzir a violência

GIULIA REIS

jornalismo@eshoje.com.br

Um homem de 34 anos, que prefere não revelar o nome, carrega no currículo três passagens pelo sistema prisional e uma sequência de tentativas frustradas de recomeçar a vida fora do crime. Segundo ele, a dificuldade de conseguir emprego após deixar a prisão foi determinante para o retorno à criminalidade.

“Você sai querendo mudar, mas a sociedade também precisa deixar. Em todo lugar perguntavam sobre antecedentes e, quando descobriam, a porta se fechava. Chega uma hora em que a pessoa acha que não tem outro caminho”, relata.

A história resume um dos principais desafios da segurança pública brasileira. Mesmo após os avanços estruturais registrados no sistema prisional capixaba nos últimos anos, especialistas alertam que o encarceramento, sozinho, não consegue reduzir a criminalidade de forma permanente.

Durante anos, o Espírito Santo esteve associado nacionalmente a imagens de superlotação, violência e colapso no sistema prisional. O cenário começou a mudar com investimentos em infraestrutura, reorganização das unidades penitenciárias e fortalecimento da Polícia Penal.



DIVULGAÇÃO

“A prisão tem três missões centrais pelo Direito: prevenir, retribuir e ressocializar. No Brasil, entre essas funções, a ressocialização é a menos observada”

RUSLEY MEDEIROS, pesquisador

Hoje, o Estado é frequentemente citado entre os sistemas prisionais mais organizados do país. Ainda assim, o debate sobre ressocialização continua sem consenso e levanta uma questão central: prender resolve o problema da criminalidade ou apenas afasta temporariamente o criminoso das ruas?

SEGURANÇA ALÉM DAS GRADES

Doutorando em Ciências Sociais pela UFES e pesquisador em segurança pública, Rusley Medeiros afirma que o modelo brasileiro ainda prioriza punição e contenção, enquanto políticas efetivas de ressocialização permanecem em segundo plano.

“Enquanto o indivíduo está preso, de fato, ele não pode cometer crimes na rua. O problema é que o encarceramento, em números, não reduz a criminalidade. Ele impede momentaneamente que aquele indivíduo pratique crimes, mas não rompe necessariamente o ciclo criminal”, afirma.

Segundo o especialista, a ausência de oportunidades após o cumprimento da pena, somada ao preconceito enfrentado pelos egressos, contribui para o retorno ao crime.

“A prisão tem três missões centrais pelo Direito: prevenir, retribuir e ressocializar. No Brasil, entre essas funções, a ressocialização é a menos observada. Não temos uma cultura prisional voltada para isso nem uma sociedade aberta a esse processo”.

Medeiros também relaciona

Ressocializar também é prevenir

NOS ÚLTIMOS anos, o sistema prisional capixaba ampliou programas de educação, qualificação profissional e reinserção social dentro das unidades penitenciárias.

Dados da Secretaria de Estado da Justiça (Sejus) mostram que a educação prisional já alcança 34 das 37 unidades do Estado, com oferta de Educação de Jovens e Adultos (EJA), cursos profissionalizantes e projetos de capacitação.

Apesar da ampliação dessas ações, ainda não há divulgação consolidada de indicadores públicos que permitam medir quantos egressos efetivamente deixam de reincidir após sair do sistema.

Para Rusley Medeiros, traba-



DIVULGAÇÃO

Modelo prisional ainda prioriza punição e contenção; ressocialização permanece em segundo plano

o fortalecimento das facções criminosas à ausência histórica do Estado em áreas vulneráveis e às fragilidades do sistema penitenciário. “As facções surgem da ausência do Estado e se mantêm pela inércia estatal. Não se trata apenas da presença policial, mas da ausência de educação, saneamento, emprego, cultura e políticas públicas”.

Apesar das críticas ao modelo nacional, ele avalia que o Espírito Santo conseguiu avançar sig-

nificativamente. “O Espírito Santo passou de um estado com problemas crônicos no sistema prisional para um dos mais organizados do país. Infraestrutura, organização operacional e estruturação da Polícia Penal reforçaram algo evidente: um Estado seguro passa por um sistema prisional organizado”.

Para o pesquisador, endurecimento operacional sem políticas efetivas de reinserção social não é suficiente para reduzir a violência no longo prazo.



DIVULGAÇÃO

Não há divulgação de indicadores públicos sobre reincidência

lho, estudo e qualificação profissional precisam ser tratados como instrumentos de segurança pública e não apenas como medidas humanitárias. “Quanto maior a possibilidade de reinserção social, menores tendem a ser as chances de retorno ao crime”.

A reportagem procurou a Se-

cretaria de Estado da Justiça (Sejus) e a Defensoria Pública do Espírito Santo (DPES) para obter dados atualizados sobre reincidência criminal, acompanhamento de egressos e resultados dos programas de ressocialização, mas não recebeu retorno até o fechamento desta edição.

O desafio do recomeço

ALÉM DAS ações dentro das unidades prisionais, o Espírito Santo ampliou iniciativas voltadas ao atendimento de egressos do sistema penitenciário.

Uma das principais frentes é o Escritório Social, programa voltado ao acolhimento após o cumprimento da pena.

O serviço oferece suporte para emissão de documentos, encaminhamento para emprego, acesso à educação, assistência social e atendimento psicológico, com o objetivo de facilitar a reinserção social.

Dados divulgados pela Sejus apontam que o Escritório Social realizou mais de 1,5 mil atendimentos nos primeiros meses de funcionamento no Estado. Entre os serviços mais procurados estão regularização documental e apoio para recolocação no mercado de trabalho.

A proposta segue diretrizes do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), que defende políticas públicas voltadas ao acompanhamento de pessoas que deixam o sistema prisional para ampliar oportunidades fora da criminalidade.

Esquizofrenia no ES: falta de CAPS atrasa tratamento

Déficit de 60 CAPS do Estado sobrecarrega famílias que possuem entes na condição

GIULIA REIS

jornalismo@eshoje.com.br

Entre surtos, internações e dificuldades para conseguir atendimento, famílias de pacientes com esquizofrenia convivem diariamente com uma rede pública de saúde mental ainda marcada por falhas estruturais no Espírito Santo. Enquanto o debate sobre saúde mental ganha espaço nas redes sociais e em campanhas de conscientização, pacientes graves e seus cuidadores seguem enfrentando obstáculos para manter tratamento contínuo e acesso especializado.

O Espírito Santo enfrenta um déficit estimado de cerca de 60 Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) e 115 leitos de saúde mental em hospitais gerais, cenário que impacta diretamente o atendimento de pacientes com esquizofrenia e aumenta a sobrecarga das famílias, segundo avaliação do especialista em saúde pública Thiago Dias.

Segundo ele, a deficiência estrutural afeta principalmente pacientes em quadros mais graves e dificulta a continuidade do cuidado dentro da rede pública.

“Uma pessoa com esquizofrenia precisa de acompanhamento em vários pontos da rede, como UBS, CAPS, centros especializados e, em alguns momentos, hospital. Quando essa rede não está organizada, o paciente perde continuidade no tratamento

DIVULGAÇÃO



“Uma pessoa com esquizofrenia precisa de acompanhamento em vários pontos da rede, como UBS, CAPS, centros especializados e, em alguns momentos, hospital”

THIAGO DIAS, esp. saúde pública

e a família acaba assumindo um peso enorme”, afirma.

Dados do Censo das Unidades Básicas de Saúde do Espírito Santo de 2024 mostram que cerca de 45% das UBSs têm dificuldade para encaminhar pacientes aos CAPS. Outros 37% relatam problemas no fornecimento de medicamentos utilizados no controle da esquizofrenia.

FALTA DE PROFISSIONAIS

O levantamento também aponta fragilidade na presença de profissionais especializados na atenção básica. Apenas 2% das UBSs contam com psiquiatra de apoio e quase 70% não possuem psicólogo próprio.

Para Thiago, a insuficiência da rede faz com que muitos pacientes retornem ao sistema apenas em momentos de crise, quando o quadro já está agravado. “Quando o paciente não consegue manter o cuidado regular, muitas vezes ele só retorna ao serviço de saúde pela emergência ou pela internação”.

Ele afirma ainda que muitos CAPS funcionam com equipes incompletas e vínculos profissionais frágeis, o que dificulta a continuidade do atendimento e contribui para filas e interrupções no acompanhamento.

Além dos impactos sobre os pacientes, Thiago chama atenção para o desgaste vivido pelos familiares responsáveis pelo cuidado diário.

“Muitas vezes é uma mãe ou irmã que abandona o trabalho, gasta o que não tem com remédio e transporte e termina adoecendo junto. A cuidadora passa a precisar do mesmo sistema que já não consegue cuidar do familiar”.

O PRECONCEITO e a falta de informação ainda estão entre os principais obstáculos enfrentados por pessoas com esquizofrenia no Brasil. A avaliação é da psicóloga Tainá Costa, que atua na área de saúde mental.

Segundo ela, além dos sintomas da própria condição, pessoas com esquizofrenia convivem diariamente com dificuldades nas relações sociais, exclusão e barreiras para permanecer nos estudos e no mercado de trabalho.

“O preconceito continua sendo um dos maiores obstáculos para o diagnóstico e tratamen-



PREFEITURA DE VITÓRIA

Apenas 2% das UBSs no ES contam com psiquiatra de apoio e quase 70% não possuem psicólogo

Consultas: dificuldade e demora

SEGUNDO O especialista, fortalecer a rede pública passa pela ampliação dos CAPS, melhoria das equipes multiprofissionais e maior integração entre atenção básica, serviços especializados e hospitais. “Hoje ainda existe uma lógica muito centrada na crise. O desafio é avançar para um cuidado contínuo, próximo de casa e mais respeitoso com o paciente e sua família”, conclui.

A dificuldade de manter acompanhamento regular também contribui para o aumento de crises recorrentes e reinternações.

Para Thiago Dias, o abandono do tratamento está diretamen-

te ligado ao agravamento do quadro clínico e ao retorno frequente às emergências. “Quando a pessoa interrompe o medicamento ou deixa de acompanhar a equipe do CAPS, a chance de uma nova crise aumenta bastante. E cada novo surto cobra um preço alto, com mais internações e perdas importantes na capacidade de tocar a vida do dia a dia”.

Ele ressalta, porém, que o afastamento do tratamento raramente acontece por decisão do paciente. Entre os principais fatores estão demora para consultas, dificuldade de acesso aos

CAPS, falta de medicamentos e custos com transporte. “O abandono raramente acontece por escolha. Muitas vezes é a consulta que demora, o remédio que falta ou o CAPS distante da realidade daquela família”.

Para o especialista, romper esse ciclo depende de maior integração entre hospitais, CAPS e unidades básicas de saúde, garantindo continuidade logo após a alta hospitalar. “É fundamental que o paciente saia da internação já conectado ao CAPS e à Unidade Básica de Saúde, com consulta marcada e medicação garantida”.

Os julgamentos e o estigma social

DIVULGAÇÃO



“Preconceito é um dos maiores obstáculos para o diagnóstico”, diz psicóloga Tainá Costa

to da esquizofrenia. Muitas famílias demoram para procurar ajuda por medo dos julgamentos e do estigma social”.

A psicóloga explica que o abandono do tratamento também costuma estar ligado a fatores como dificuldade de reconhecer a doença, efeitos colaterais dos medicamentos, negação do diagnóstico e falta de apoio familiar e social. Além dos pacientes, os cuidadores também sofrem impactos profundos.

“As famílias vivem com preocupação constante, medo e insegurança, principalmente

nos momentos de crise. Existe uma sobrecarga emocional muito grande”.

Ela alerta para sinais que merecem atenção, como isolamento intenso, falas desconexas, desconfiança excessiva, apatia e episódios psicóticos. Para a especialista, garantir mais qualidade de vida às pessoas com esquizofrenia depende também de mudança social.

“Uma sociedade mais acolhedora não depende apenas do tratamento clínico, mas também de informação, inclusão social e humanização do cuidado”.

BASTIDORES DA POLÍTICA

Antiguidade no TJES (I)

DIVULGAÇÃO



Risso deverá ocupar a cadeira que foi de Fabio Clem no TJES

O desembargador substituto Luiz Guilherme Riso, conforme o **ES Hoje** antecipou em novembro do ano passado, deverá ser promovido por antiguidade à cadeira de desembargador que foi ocupada por Fabio Clem de Oliveira na próxima quinta-feira (28). Ele é o magistrado mais antigo e deverá ser eleito sem dificuldade, embora haja disputa com

outros quatro juízes — Moacyr Caldonazzi de Figueiredo Côrtes, Lyrio Regis de Souza, José Luiz da Costa Altafim e Telmeita Guimarães Alves.

Antiguidade no TJES (II)

Por que há eleição? Porque, mesmo que exista esse histórico de promoção do mais antigo, o Judiciário pode romper esse critério por meio de voto fundamentado. Mais antigo que Riso apenas o aposentado compulsoriamente Maurício Camatta Rangel, condenado em três processos no TJES e que, portanto, não pode concorrer. Na história do Judiciário capixaba, somente Roberto da Fonseca Araújo conseguiu o direito de ser desembargador por determinação do CNJ, em 2011, mesmo estando afastado do cargo e respondendo a dois processos administrativos.

Estamos com Rose!

Nos últimos dias, novamente, a pré-candidata ao Senado pelo MDB, Rose de Freitas, recebeu manifesto de apoio à candidatura de 71 prefeitos capixabas. Entre os que estão com ela estão Dito Silva (Muniz Freire), Marcos Coutinho (Ponto Belo), Kleber Medici

(Santa Teresa), Nirrô (Alegre), Doutor Coutinho (Aracruz) e Marcos Guerra (São Roque do Canaã). O maior desafio de Rose está dentro do partido.

Nada contra

O presidente do MDB no Espírito Santo — partido de Rose de Freitas —, Euclério Sampaio, nega que seja contra a candidatura de Rose ao Senado. Disse, porém, que sua prioridade no partido é a reeleição de Ricardo Ferraço. “Decisão de Senado na hora certa”, respondeu o dirigente.

Para além do MDB

Ainda falando de Euclério Sampaio, o emedebista, que é prefeito de Cariacica, tem outro objetivo político para as eleições de 2026 que vai além do partido: a reeleição do deputado federal Messias Donato. O parlamentar é da cidade.

OAB em guerra de novo

A advocacia capixaba assiste, mais uma vez, ao desmoronamento precoce de uma aliança que nasceu com contornos históricos. Menos de dois anos após a eleição de novembro de 2024 — que marcou época ao eleger Erica Neves

como a primeira mulher presidente da OAB-ES e Kelly Andrade como a primeira presidente da Caixa de Assistência dos Advogados (CAAES) —, a relação entre as duas líderes ruiu por completo. Uma história que já aconteceu em outras gestões e que está dividindo a advocacia capixaba.

Bolsonaristas divididos

O senador Magno Malta (PL), o deputado federal Evair de Melo (Republicanos) e o ex-deputado Carlos Manato (Republicanos) são os três maiores nomes do bolsonarismo no Espírito Santo. Mas nem isso os une. Magno quer que a filha seja “a candidata de Bolsonaro” ao Senado no ES; Evair quer ser o candidato e que o PL se una ao Republicanos; Manato quer o mesmo e não abre mão para Evair.

Enquanto isso...

... o também bolsonarista senador Marcos do Val (Avante) corre por fora e se movimenta para a reeleição. Nos últimos dias, recebeu lideranças municipais e segue articulando movimentos da direita.

Adesões suspeitas

Nos últimos dias, o Tribunal

de Contas do Espírito Santo suspendeu processo de adesão de ata para contrato de serviços em prefeituras capixabas. O presidente da Assembleia Legislativa, deputado Marcelo Santos (União Brasil), comentou que adesões a atas têm feito muitos políticos no Estado se beneficiarem financeira e ilegalmente.

Sem personalidade

A prefeita de Vitória, Cris Samorini (Progressistas), está no segundo mês de mandato, mas ainda não implantou marca própria na administração da capital. Tem seguido a “linha Pazolini”, inclusive na relação distante com o Executivo de Vitória. “Falta identidade própria. Falta personalidade na prefeita”, afirmou um vereador à Bastidores.

De olho em 2028

O secretário de Desenvolvimento Urbano do Espírito Santo, Marcos Soares (Progressistas), está sendo estimulado a, novamente, buscar um mandato em João Neiva. Ele já foi vereador por dois mandatos na cidade e ocupou secretarias de Educação em João Neiva e Fundão.

Somos diário. Seja no impresso ou no digital

Aqui você realiza, no melhor preço de mercado, a sua publicação legal.

HUGO BORGES

João Gualberto

Redação@eshoje.com.br



Lacy Ribeiro

Foi publicado, nos primeiros meses deste ano de 2026, portanto recentemente, o livro *Lacy Ribeiro: obras completas*, tendo como coordenador da edição o professor Francisco Aurelio Ribeiro e, como editor, o escritor e jornalista José Barreto Mendonça.

Um trabalho primoroso sob todos os aspectos, que mostra a dedicação de dois estudiosos e amigos da grande escritora, que foi brutalmente assassinada, há 13 anos, aos 64 anos, em sua casa, num bairro da Serra.

O delegado aposentado José Barreto escreveu um outro livro, em 2023, chamado *Quem Matou Lacy Ribeiro?* A policial civil e escritora capixaba assassinada em 03/01/2013, que contém, na capa, outra pergunta: crime de latrocínio ou de amor bandido? Na narrativa policial investigativa, o autor faz um levantamento minucioso da morte de Lacy, que merece ser lido pelos que se interessam pela vida e pelas obras dela. Um bom trabalho.

É um relato vigoroso das inúmeras contradições que cercam

o processo e da demora de 10 anos em descobrir os assassinos. Há lapsos demais para serem apenas questões burocráticas que retardaram a descoberta da autoria do crime bárbaro; afinal foram 13 facadas, uma delas no pescoço, onde a lâmina quebrou e ficou enterrada. Muito bem fez o ex-delegado ao levantar muitas questões que tiveram como resultado a elucidação do crime.

A coletânea que inclui toda a produção de Lacy Ribeiro em um livro 499 páginas foi conduzida pelo professor Francisco Aurelio, que também é o autor de um prefácio muito esclarecedor, no qual situa, no tempo e na vida literária do Espírito Santo, a importância da obra que ele reuniu e organizou. Nele ficamos sabendo que ela nasceu em

Barra de São Francisco, em 1948, tendo vindo para Vitória para trabalhar e estudar aos 16 anos, chegando aqui no fatídico 31 de março de 1964, data de péssima memória, pois foi o dia em que os militares deram o seu golpe, que nos privou de liberdade, instituiu a censura, prendeu e matou em pavorosas sessões de tortura.

Lacy tornou-se adulta no mesmo momento em que o Brasil mergulhava em trevas, e isso marcou enormemente a sua obra. Além disso, nos anos 1960 e 1970, Vitória foi palco de uma mudança muito grande em seu tecido social. Antes, concebida ao longo da Primeira República pelas elites capixabas para ser a sua "cidade presépio", foi invadida, em seus mangues e morros, por uma massa miserável e faminta. Todo esse universo em transformação foi captado de forma extraordinária pela autora.

O *Avenida República: Diário da Madrugada* é uma obra maior dentro da coletânea. Publicada em 1987, mostra uma cidade já trans-

formada pela presença dessa nova legião de moradores. Fernando Tagiba, outro grande escritor dessa fase, amigo de Lacy, registra, na orelha da primeira edição do livro, que ela mergulha fundo no dia a dia da cidade, mostrando uma outra avenida que não é vista pelos olhos da nossa burguesia. É a passarela dos marginais, homossexuais, prostitutas, pedintes, meninos perdidos. Para ele, trata-se de um livro que mostra paixão pela cidade de Vitória, um pulo profundo na ferida exposta que ninguém quer ver ou aceitar.

Entretanto, acredito que o ponto alto dessa incrível coletânea de romances, poesias e contos de Lacy Ribeiro seja o seu último trabalho: *Paixão de Cárcere*, no qual mostra as entranhas de sua paixão por um detento, um depoimento autobiográfico corajoso, que revela as intimidades de seu amor com um homem encantador e, ao mesmo tempo, muito perverso. Ela o chama, no romance, de enxugador de lágrimas. Isso porque ele primeiro

provoca um clima de violência e agressão, verbal ou não, e depois se desculpa e enxuga as lágrimas que provocou. Todos nós conhecemos esses tipos.

Ela foi ao céu e ao inferno várias vezes com essa sua paixão. A leitura do livro nos prende e encanta, mas, ao mesmo tempo, nos mostra como é difícil vencer uma quase loucura. O prisioneiro, pintor sensível e homem cortejador e cortês, tem muitas faces, contraditórias. Foi condenado por ter matado, de uma empreitada, 29 pessoas ligadas ao tráfico em Belo Horizonte, a mando de um grupo rival. Foi assim que veio para o Espírito Santo, onde continuou a cometer crises de várias ordens: roubos, tráfico, assassinatos.

Esse amor bandido, intenso e mortal, faz do romance de Lacy uma obra viva, pujante e cheia de realidades. Um grande livro, mas não o único brilhante de toda a coleção, que merece ser lida pelos que gostam de entender a profundidade da alma humana.

COLUNA FEU ROSA

Nossa luta

Na aurora de 2020 a conceituada Universidade de Cambridge entregou à humanidade um sério alerta na forma de um relatório denominado "Satisfação Global com a Democracia".

Ao término de longa pesquisa de opinião pública (quatro milhões de consultas entre 1973 e 2020) os pesquisadores detectaram um fenômeno preocupante: a maioria da população mundial está desiludida com a democracia.

A nível global o índice de insatisfação subiu de 47,9% para 57,5% desde meados da década de 1990. Um dos autores do estudo, Dr. Roberto Foa, bem sintetizou o estado de coisas: "a democracia está doente".

Observo que este não é um quadro relativo a governos, mas, antes, ao sistema que os gera. Houve o cuidado de isolar-se dos resultados questões momentâneas ou paroquiais.

Qual a explicação? Há várias, claro. Mas chamou-me a atenção um fator especialmente realçado pelo historiador David Olusoga, em artigo publicado no jornal britânico *The Guardian*: "quando os bancos tiveram problemas durante a crise econômica de 2008 receberam ajuda - e o resto de nós austeridade".

Eis aí uma dura verdade. Pelo planeta afora temos visto governos legitimados pelo voto popular conferindo benesses a grandes empresas e reduzindo absurdamente a qualidade e a quantidade dos serviços a serem prestados pelo Estado - enquanto isso, a reboque, co-

meçam a subir descontroladamente os níveis de pobreza e desigualdade.

Faço rápida pesquisa em meu banco de dados. Retorno a 25 de outubro de 1999, quando a conceituada revista *Time* publicava uma séria frase de Mohammed Tariq, um motorista de taxi paquistanês de apenas 22 anos de idade: "Nós não queremos democracia. Queremos apenas lei, ordem e preços estáveis".

Vou à janela. Vejo o mundo mergulhado em denúncias de corrupção e optando pela impunidade mais acinতোসা. Contemplo a epidemia então instalada no planeta - e os Estados completamente despreparados, com sistemas de saúde falidos e estruturas sucateadas. Uma vez mais começam as discussões sobre benefícios e resgates para alguns poucos - ao custo da austeridade para muitos.

A democracia não nos foi presentada. Foi conquistada. Daí nosso dever maior de provar ser ela compatível com o desenvolvimento econômico e social - e incompatível com a corrupção. Este não é um dever apenas cívico - é, acima de tudo, espiritual.

PEDRO VALLS FEU ROSA
Desembargador do TJES

ARTIGO

Empreendedores

No Brasil, apenas uma parte pequena das pessoas empreende — e muitas por necessidade. Ainda assim, quando alguém tem sucesso, a sociedade enxerga apenas o lado visível: patrimônio, reconhecimento, resultados. Poucos percebem o que existe por trás disso.

O lado invisível do empreendedor é solitário e exigente. Grandes nomes já faliram, em média, três vezes. E falir não é só perder a empresa — é perder segurança, reputação e, muitas vezes, a própria confiança. Em um ambiente em que o julgamento é rápido, o erro costuma ser tratado como fracasso definitivo, e não como parte do aprendizado.

Enquanto muitos encerram o dia, o empreendedor continua. Trabalha à noite, nos fins de semana, frequentemente acima de 60 horas semanais. O custo aparece onde poucos veem: menos tempo com a família, com os amigos e até com a própria saúde. Como disse Elon Musk, trabalhar mais horas pode aumentar as chances de sucesso — mas tem um preço pessoal elevado.

Outro ponto invisível é o peso das decisões. Um empreendedor decide o tempo todo. Nem sempre acerta, mas precisa agir, porque sabe que, no mundo dos negócios, a pior decisão é não decidir. Decidir, mesmo com dúvidas, na hora certa vale mais do que decidir perfeitamente tarde demais.

Ele escolhe realizar os próprios sonhos, mesmo diante dos riscos. Define metas de curto, médio e longo prazo que carregam significado pessoal e, para alcançá-las, muitas vezes não mede sacrifícios. Essa determinação exige autoconfiança elevada — embora, para alguns, possa parecer arrogância.

A iniciativa também costuma ser mal interpretada. O empreendedor tende a agir rápido, testar e ajustar. Quando propõe algo fora do padrão, uma inovação, pode ser chamado de louco antes de, eventualmente, ser reconhecido como visionário.

Existe ainda o lado mais difícil: tomar decisões impopulares. Especialmente em empresas pequenas e médias, o empreendedor também é gestor. Em determinados momentos, precisa reduzir custos, reorganizar equipes e rever caminhos. São escolhas que nem sempre agradam, mas que podem garantir a sobrevivência do negócio e a manutenção de empregos.

Mesmo assim, o empreendedor segue. Persistência é continuar tentando; resiliência é cair e levantar. Como disse Winston Churchill: "o sucesso é ir de fracasso em fracasso sem perder o entusiasmo".

A vida é feita de escolhas. Muitos desistem, o que é natural. Outros continuam, mesmo diante do peso invisível. O que poucos percebem é que, por trás de cada empresa que cresce, existe alguém que enfrentou dúvidas, pressão e sacrifícios que quase ninguém viu.

E você? Já tinha pensado no que existe por trás do sucesso de um empreendedor?

LUCAS IZOTON
Engenheiro e empresário

A primeira vez na maratona

Estreantes nos 42k e 21k transformam Maratona de Vitória em desafio pessoal; evento é em agosto

REDAÇÃO MULTIMÍDIA
redacao@eshoje.com.br

A edição deste ano da Maratona de Vitória promete reunir mais do que desempenho esportivo. Entre os milhares de atletas esperados para a prova, corredoras amadoras vão encarar pela primeira vez os desafios 42 quilômetros da maratona e os 21 quilômetros da meia maratona, transformando metas pessoais em histórias de superação, disciplina e qualidade de vida.

Organizada pela Pace Eventos, a prova acontece nos dias 29 e 30 de agosto, com largadas na Praça do Papa, em Vitória. As inscrições seguem abertas.

Para muitas atletas, a estreia representa muito mais do que cruzar a linha de chegada. O desafio envolve preparação física, resistência mental, reorganização da rotina e anos de evolução gradual dentro da corrida de rua.

A produtora de eventos Anne Abreu, de 48 anos, vai disputar os 42k pela primeira vez após participar durante sete anos da Maratona de Vitória em distâncias menores. Com oito anos dedicados à corrida, ela conta que a maratona parecia um objetivo distante.

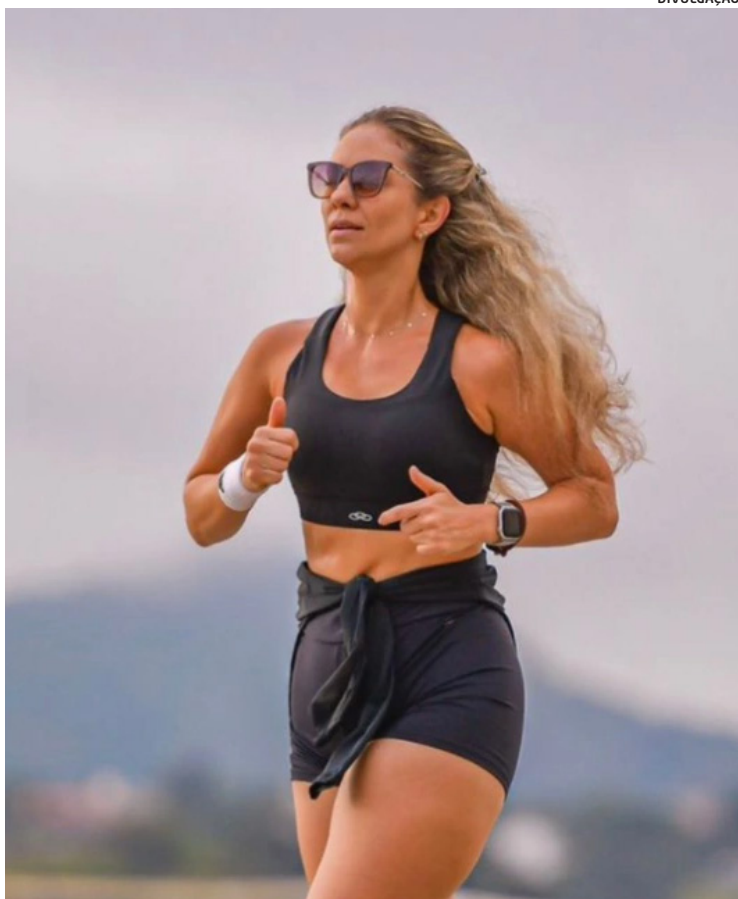
“Mesmo já tendo feito 12 meias-maratonas e duas provas de 30 quilômetros, eu ainda não me sentia preparada mentalmente para a maratona. Esse ano comecei um ciclo muito bom, me senti mais condicionada fisicamente e decidi que era

DIVULGAÇÃO



“Esse ano comecei um ciclo muito bom e decidi que era a hora (de correr uma maratona)”

ANNE ABREU, produtora



DIVULGAÇÃO

Psicanalista Quézia Anders vai correr meia maratona pela 1ª vez

a hora”, afirma.

Veterana na prova capixaba, Anne já correu percursos de 21k, 10k e 7,5k em edições anteriores. Agora, o foco é completar a prova com segurança e aproveitar o momento. “Quero terminar bem. Não estou buscando tempo, quero viver essa conquista e me tornar maratonista”, destaca.

Quem também estreia nos 42k é a publicitária Patrícia Cabral, de 43 anos. Apesar de correr há 14 anos, foi nos últimos dois anos e meio que ela passou a manter uma rotina constante de treinos. Depois de participar dos 10k em 2024 e dos 21k em 2025, decidiu avançar para a distância máxima da prova. “O que me motivou foi exatamente o desafio de romper mais uma barreira, uma nova distância”, resume.

A preparação inclui treinos de corrida de três a quatro vezes por semana, musculação e alongamentos para evitar novas lesões, após episódios de fascite plantar e dores na coluna.

“A preparação mental vem quando a gente percebe a evolução no dia a dia. A corrida também virou uma terapia”, conta.

SUPERAÇÃO PESSOAL

Nos 21 quilômetros da meia maratona, a professora universitária e psicanalista Quézia

Anders, de 39 anos, também vai viver uma estreia importante. Há um ano e oito meses praticando corrida, ela vê a prova como mais uma etapa de superação pessoal.

Segundo Quézia, a corrida começou pelos benefícios para a saúde mental e cognitiva — motivação que continua sendo o principal combustível para seguir evoluindo no esporte.

“Meu foco nunca foi performance. O que busco é desenvolver resiliência, aprender a suportar o desconforto e manter o equilíbrio mental”, explica.

As histórias das três corredoras refletem uma tendência cada vez mais presente nas corridas de rua: atletas amadores que transformam o esporte em ferramenta de bem-estar, saúde mental, autoestima e superação pessoal.

MARATONA DE VITÓRIA

Com dois dias de prova – 29 e 30 de agosto, a corrida contará com provas de 5k, 10k, 21k e 2k, além do Desafio Cidade de Vitória (5k + 21k ou 10k + 42k) e da Maratoninha Kids (distâncias de 50m a 400m). Todos os participantes recebem kit atleta com camisa, número de peito, chip descartável e sacola, além de medalha de participação e troféus para os primeiros colocados.

‘Mamute’ no Hall da Fama do Vôlei

O ESPORTE proporciona muita emoção para os capixabas. Um dia após o Espírito Santo e o Brasil chorarem a morte de Giovani, ex-jogador de futebol – uma notícia para alegrar e inspirar: do vôlei o capixaba de Cachoeiro do Itapeirim, Alison Ceruti, o Mamute, foi anunciado oficialmente como o novo membro do Hall da Fama do Vôlei.

Com Alison Mamute o esporte do Espírito Santo crava, em definitivo, mais um nome no topo da história mundial.

Dono de uma trajetória brilhante na areia, com a medalha de ouro nos Jogos Olímpicos do Rio-2016 e a de prata em Londres-2012, o atleta recebeu a notícia com forte emoção. A honraria máxima da modalidade chega

poucos meses após a sua aposentadoria oficial das quadras, ocorrida em outubro do ano passado, na praia de Copacabana.

“E eu entrei para o Hall da Fama. Ainda estou tentando entender isso... Para mim é como um filme e, nesse momento, a primeira palavra que vem à cabeça é gratidão. Estou realmente emocionado, sem palavras”, desabafou Alison.

“Eu entrei para o Hall da Fama. Ainda estou tentando entender isso”

ALISON ‘MAMUTE’, atleta

DIVULGAÇÃO



Alison Mamute subiu ao pódio duas vezes em Olimpíadas: foi ouro nos Jogos do Rio 2016 e prata em Londres 2012

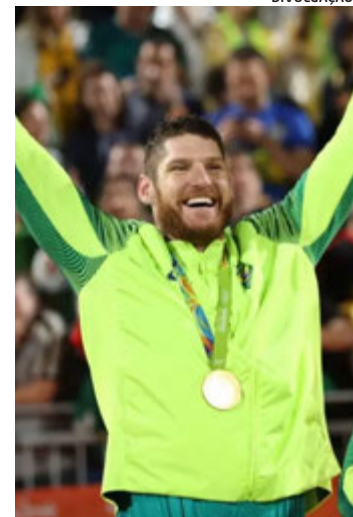
Classe de 2026 e a cerimônia nos EUA

ALISON INTEGRA a seleta Classe de 2026 do Hall da Fama, que conta com outros dois grandes nomes do vôlei brasileiro: a bicampeã olímpica Fabi Alvim e o ex-presidente da CBV e da FIVB, Ary Graça.

Além dos brasileiros, astros internacionais como a americana April Ross (tricampeã olímpica), o cubano Joel Despaigne e a russa Ekaterina Gamova também serão eternizados na mesma turma. A cerimônia oficial de premiação está marcada para o dia 17 de outubro, em Holyoke, Massachusetts (EUA).

Em seu agradecimento, o Mamute fez questão de compartilhar o mérito com todos que fizeram parte dos seus 24 anos de carreira. “Tanta gente que esteve ao meu lado... Nada disso foi construído sozinho. Meus patrocinadores, amigos, o povo brasileiro e,

DIVULGAÇÃO



Mamute dividiu o mérito com os que fizeram parte de seus 24 anos de carreira

claro, minha família, que acreditou e me fez ser quem eu sou. Estou realizado por poder viver esse momento”, completou.

A arte e a geologia se encontram em “Mineral”

Exposição coletiva na OÁ Galeria encerra temporada nesta sexta (22) com entrada gratuita

GIULIANO DE MIRANDA
giulianohistoria@hotmail.com

A exposição coletiva “Mineral” chega ao último dia de visitação nesta sexta-feira (22), na OÁ Galeria, em Vitória. A mostra reúne obras dos artistas Hilal Sami Hilal, Isabela Frade, João Coser, Marcos Martins (in memoriam), Natan Dias e Paulo Vivacqua, propondo uma reflexão sobre matéria, tempo e transformação por meio de esculturas e instalações.

Partindo da ideia de uma “geologia como linguagem”, a exposição aproxima elementos naturais e industriais para discutir processos de sedimentação, desgaste, deslocamento e permanência. Argila, pedra, aço, cobre e plástico reciclado aparecem como materiais centrais das pesquisas apresentadas, estabelecendo conexões entre o tempo profundo das formações geológicas e a ação humana contemporânea.

A coletiva reúne diferentes trajetórias da arte contemporânea brasileira em torno da materialidade como experiência estética e conceitual. As obras exploram relações entre corpo, memória, território e transformação, articulando linguagens escultóricas e instalativas em diálogo com os espaços expositivos.

“Mineral” fica em cartaz até esta sexta-feira (22), com entrada gratuita e classificação livre.

SERVIÇO

Exposição “Mineral”

- **VISITAÇÃO:** até 22 de maio
- **HORÁRIO:** segunda a sexta-feira, das 10h às 19h
- **LOCAL:** OÁ Galeria
- **ENTRADA:** gratuita



DIVULGAÇÃO

“A mostra Mineral toca em uma dimensão pré-existencial, a matéria em si mesma”

ISABELA FRADE



DIVULGAÇÃO

“Cama de Engenheiro”, obra de Marcos Martins (in memoriam)



DIVULGAÇÃO

Nannan trabalhou muito tempo com Marcos e comentou a obra

“Sonhar uma cama de pedra enquanto dorme em uma cama confortável é curioso, mas sendo o Marcos fez todo sentido, um artista profundo, sincero e comprometido com a função social da arte”

NANNAN



JUYLA MORAES

“Achei interessante trazer obras que têm plástico, pontuando essa nova geologia”

NATAN DIAS



DIVULGAÇÃO

“Tenho pensado a matéria como algo vivo, capaz de guardar marcas de presença, tempo e transformação”

JOÃO CÓSER



DIVULGAÇÃO

“Minha pesquisa recente busca dar uma aura ao objeto, uma voz às rochas e pedras”

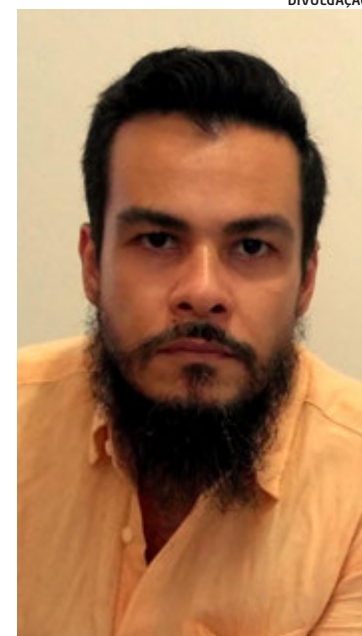
PAULO VIVACQUA



DIVULGAÇÃO

“Sinto-me honrado em integrar essa exposição e compartilhar esse momento com outros artistas”

HILAL SAMI HILAL



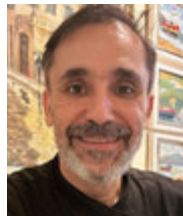
DIVULGAÇÃO

“São obras que interrogam os modos como habitamos e atravessamos o mundo material”

RODRIGO HIPÓLITO

Friozinho muda o sabor do ES

Do litoral às montanhas, temperaturas mais baixas transformam hábitos e aquecem cardápios



RICARDO BODEVAN
@chefbodevan

Mesmo conhecido nacionalmente pelo calor, pelas praias e pela culinária litorânea marcada pelos frutos do mar, o Espírito Santo também possui um inverno particular, silencioso e extremamente gastronômico. Basta subir a serra para perceber que o clima muda, a paisagem muda e, inevitavelmente, os cardápios também mudam.

Regiões como Domingos Martins, Pedra Azul, Caparaó e Santa Teresa vivem, todos os anos, uma transformação culinária impulsionada pelas temperaturas mais baixas. E talvez seja justamente essa proximidade entre mar e montanha que torna a gastronomia capixaba tão interessante nesta época do ano.

No litoral, mesmo sem um frio rigoroso, muitos restauran-

tes passam a incorporar pratos mais encorpados, molhos mais densos, massas artesanais, risotos, carnes de cocção lenta, sopas e caldos especiais. O inverno desperta uma necessidade quase afetiva por comida acolhedora — aquela que aquece não apenas o corpo, mas também a memória e o paladar.

Já nas regiões serranas, o fenômeno gastronômico é ainda mais evidente. O frio convida à permanência à mesa. O tempo desacelera. O vinho ganha espaço, os cafés especiais tornam-se protagonistas e receitas tradicionais de influência italiana, alemã e pomerana ressurgem com força nos menus de pousadas, bistrôs e restaurantes familiares.

É também nessa época que muitos chefs aproveitam para valorizar ingredientes locais que dialogam perfeitamente com o inverno: cogumelos frescos, queijos artesanais, embutidos da serra, polentas cremosas, socol, cafés especiais, chocolate

quente artesanal e receitas feitas lentamente, respeitando o tempo do fogo e da panela.

COMPORTAMENTO GASTRONÔMICO

O mais interessante é perceber como a mudança climática, ainda que sutil em algumas regiões do Estado, altera completamente o comportamento gastronômico das pessoas. O cliente muda seus desejos sem sequer perceber. O que antes era uma moqueca leve à beira-mar pode se transformar, algumas semanas depois, em um risoto fumegante acompanhado por vinho tinto diante da neblina serrana.

A gastronomia acompanha emoções, estações e paisagens. E o inverno capixaba, mesmo discreto, consegue despertar algo raro: o prazer de comer devagar.

Porque, no fim das contas, existem pratos que alimentam... e existem pratos que abraçam.

CREME DE MANDIOQUINHA COM LINGUIÇA ARTESANAL E QUEIJO DA SERRA

DIVULGAÇÃO



Ingredientes :

- 1 kg de mandioquinha descascada
- 1 cebola picada
- 3 dentes de alho
- 2 colheres de manteiga
- 1 litro de caldo de legumes
- 300 g de linguiça artesanal da serra
- 150 g de queijo meia-cura ralado
- 200 ml de creme de leite fresco

- SAL e pimenta-do-reino a gosto
- CHEIRO-VERDE para finalizar

Modo de fazer:

1. Em uma panela grande, refogue a cebola e o alho na manteiga até dourarem levemente.
2. Acrescente a mandioquinha picada e o caldo de legumes. Cozinhe até que fique extremamente macia.
3. Bata tudo no liquidificador até formar um creme liso e volte para a panela.
4. Adicione o creme de leite e ajuste o sal e a pimenta.
5. Em outra frigideira, grelhe a linguiça artesanal até ficar dourada e levemente crocante.
6. Sirva o creme bem quente e finalize com a linguiça por cima, queijo meia-cura ralado e cheiro-verde.



COLUNA DO VINHO

GUSTAVO DEBORTOLI)) @gustavodebortoli

O fim do “vinho ostentação”

Durante muitos anos, o universo do vinho foi marcado pela lógica da ostentação. Rótulos famosos, garrafas caras e nomes difíceis de pronunciar eram usados quase como símbolos de status.

DIVULGAÇÃO



Em muitos ambientes, beber vinho parecia menos uma experiência social e sensorial e mais uma demonstração pública de poder de compra.

Mas esse cenário começou a mudar — ao menos em terras capixabas. Nos últimos anos, especialmente por conta dos consumidores mais jovens — mas também por alguns poucos apreciadores experientes — passou-se a buscar algo diferente nas garrafas: autenticidade. Em vez de simplesmente repetir marcas conhecidas, tem crescido o interesse por vinhos com identidade, origem clara, produção limitada e narrativa verdadeira. Especialmente quando se fala de produção nacional.

A mudança acompanha um movimento maior de comportamento. O luxo contemporâneo deixou de ser excessivamente visível. Hoje, em diversos setores, o consumo sofisticado está mais ligado à curadoria do que à ostentação. No vinho, isso aparece na valorização de pequenos produtores, terroirs específicos, vinificações menos padronizadas e experiências mais intimistas.

Em vez de escolher uma garrafa apenas pelo preço ou pela fama do rótulo, muitos consumidores passaram a valorizar perguntas diferentes: quem produz esse vinho? Em qual altitude? Qual é a histó-


ria da vinícola? O vinho expressa o lugar de onde veio?

Essa transformação também mudou a forma como lojas e restaurantes estão trabalhando o vinho. Ambientes excessivamente formais perderam espaço para experiências mais acolhedoras, informais e educativas. O consumidor quer aprender, mas sem pressão. Quer descobrir, mas sem intimidação e, principalmente, beber com puro prazer — não para impressionar alguém.

Ao mesmo tempo, cresce o interesse por regiões menos óbvias. Países como Chile e Argentina continuam fortes, mas agora com foco em microterroirs, vinhedos de altitude e projetos autorais. Portugal vive uma valorização enorme de castas tradicionais. Até regiões antes consideradas “alternativas” passaram a ganhar atenção de consumidores mais curiosos.

Isso não significa que os grandes rótulos perderam importância. Eles continuam sendo referências importantes do mercado. A diferença é que, hoje, conhecimento e repertório passaram a valer mais do que simplesmente exibir uma etiqueta famosa.

O vinho continua sendo um símbolo cultural sofisticado. Mas a sofisticação mudou de linguagem. O novo consumidor quer menos espetáculo e mais verdade dentro da taça.



Há 491 anos, Vila Velha se consolida como referência em desenvolvimento, trabalho e transformação.

Vila
parabéns
Velha 

2 3 D E M A I O

RDJ
ENGENHARIA

Emendas parlamentares reforçam saúde em VV

Recursos indicados pelo deputado Da Vitória fortaleceram saúde, esporte e segurança

REDAÇÃO MULTIMÍDIA
redacao@eshoje.com.br

No contexto das comemorações dos 491 anos de fundação do município de Vila Velha, celebrações neste sábado, 23 de maio, a destinação de emendas orçamentárias da bancada federal capixaba tem atuado como importante mecanismo de suporte ao financiamento de políticas públicas na cidade. O direcionamento de recursos federais atende a demandas estratégicas em setores prioritários e de alta complexidade regulatória, abrangendo a assistência à saúde de média e alta complexidade, o reaparelhamento do aparato de segurança pública, além do fomento a projetos de inclusão social e infraestrutura esportiva.

Dentro do fluxo de execução do orçamento geral da União, os repasses indicados pelo deputado federal Da Vitória (Progressistas) somam um histórico de investimentos aplicados diretamente na rede de atendimento e proteção social do município.

A transferência desses ativos financeiros ocorre por meio de emendas individuais e de bancada, processadas em conformidade com as diretrizes técnicas dos ministérios setoriais e os termos de convênios firmados com o poder

R\$ 6
MILHÕES DESTINADOS
à rede pública de atenção
materno-infantil de
Vila Velha

público estadual, municipal e entidades do terceiro setor juridicamente habilitadas.

REDE HOSPITALAR

O maior volume de recursos viabilizados no portfólio de emendas do parlamentar foi concentrado no subsídio de custeio da infraestrutura hospitalar local. Entre os anos de 2021, 2022 e 2024, o Hospital Evangélico de Vila Velha recebeu o aporte consolidado de aproximadamente R\$ 11,9 milhões. Desse montante, a maior parcela foi descentralizada no exercício financeiro de 2024, totalizando R\$ 11,4 milhões.

Tecnicamente, os valores foram carimbados para a manutenção dos serviços assistenciais e cobertura de despesas operacionais da unidade, que opera de forma complementar ao Sistema Único de Saúde (SUS) no atendimento de alta complexidade, incluindo oncologia e cardiologia.

Adicionalmente, a rede pública de atenção materno-infantil do município recebeu suporte financeiro na ordem de R\$ 6 milhões em 2023, destinados ao Hospital Infantil e Maternidade Alzir Bernardino Alves (Himaba). O recurso foi integralmente direcionado à implantação do primeiro Centro Oftalmológico Pediátrico do Espírito Santo.

A estrutura especializada em diagnóstico e tratamento de patologias visuais na infância atinge o marco de três anos de funcionamento contínuo em 2026, tendo expandido a capacidade regulada de consultas e procedimentos cirúrgicos oftalmológicos infantis no âmbito da rede pública estadual.



MAIOR VOLUME DE RECURSOS EM EMENDAS DO PARLAMENTAR FOI PARA A INFRAESTRUTURA HOSPITALAR LOCAL

Modernização de infraestrutura

NO SEGMENTO voltado à juventude, esporte e assistência comunitária, o volume de emendas destinadas entre os anos de 2020 e 2026 atinge a marca de R\$ 1,1 milhão. Dentro do planejamento de recuperação de praças de esportes do município, o valor de R\$ 400 mil foi alocado em 2022 para as obras de substituição e modernização do piso técnico do Ginásio Poliesportivo Tartarugão, um dos principais equipamentos públicos voltados à prática de competições oficiais e projetos de lazer no município.

A dotação orçamentária também viabilizou recursos de cus-

teio para organizações da sociedade civil que atuam no desenvolvimento de projetos de iniciação esportiva e amparo social. A Liga Capixaba de Esporte e o Instituto Vila-velhense figuram entre as entidades contempladas para a manutenção de núcleos de atividades socioesportivas destinadas a crianças e adolescentes.

Para o exercício de 2026, o cronograma de execução orçamentária prevê a liberação e pagamento de uma nova emenda no valor de R\$ 100 mil destinada à Liga Capixaba de Esporte. Na área de assistência direta, o Instituto

Social Vila Velhense contou com o repasse de R\$ 100 mil, executado no ano de 2022, para o financiamento de ações de atendimento a famílias de baixa renda.

“Vila Velha se desenvolve de forma acelerada, o que demanda o acompanhamento com investimentos compatíveis”

DA VITÓRIA, deputado federal



“Nosso trabalho orçamentário tem o objetivo de garantir suporte técnico e financeiro para que a estrutura pública municipal responda de maneira eficiente às demandas da população”

DA VITÓRIA, deputado federal

A AGENDA de fortalecimento do sistema de segurança municipal também contou com aporte orçamentário federal. Em 2021, período marcado pela tramitação de pautas ligadas ao fortalecimento institucional das guardas civis no cenário nacional, foram destinados R\$ 450 mil à Guarda Municipal de Vila Velha.

O recurso foi aplicado especificamente no plano de aquisição de novos armamentos e dispositivos para o contingente da corporação, integrando as metas de ampliação e qualificação do patrulhamento preventivo e do policiamento comuni-



QUASE MEIO MILHÃO FOI DESTINADO À GUARDA MUNICIPAL DE VILA VELHA

tário nas regiões administrativas da cidade.

“Vila Velha possui um papel estratégico para a dinâmica socioeconômica do Espírito Santo. O município expande suas fronteiras de desenvolvimento de forma acelerada, o que demanda o acompanhamento com investimentos compatíveis nas áreas de saúde, segurança e assistência social. A finalidade do trabalho orçamentário em Brasília é garantir suporte técnico e financeiro para que a estrutura pública municipal responda de maneira eficiente às demandas da população”, declarou o deputado federal Da Vitória.

491 anos com investimento bilionário em Vila Velha

Victor Linhalis celebra os aportes financeiros que impulsionam projetos em diversas áreas

REDAÇÃO MULTIMÍDIA
redacao@eshoje.com.br

Neste 23 de maio, quando o Espírito Santo celebra o Dia da Colonização do Solo Espírito-santense, Vila Velha festeja o aniversário de 491 anos de fundação com o marco histórico da cidade mais antiga e mais moderna. Graças à execução de um cronograma complexo de investimentos estruturais. Ao todo, o município contabiliza o aporte de mais de R\$ 1,1 bilhão em recursos financeiros, integralmente direcionados para a modernização da infraestrutura urbana, expansão de serviços essenciais e fortalecimento das redes de assistência social, saúde e segurança pública.

O volume de capital alocado é decorrente de uma ampla cooperação institucional que envolve o orçamento da União, programas finalísticos de ministérios e a destinação de emendas parlamentares a partir da articulação do deputado federal Dr. Victor Linhalis (PSB), que já exerceu o cargo de vice-prefeito do município. Somam-se aos convênios técnicos geridos pela administração municipal, sob a liderança do prefeito Arnaldinho Borgo.

“Vila Velha chega aos 491 anos vivendo um dos maiores ciclos de investimentos da sua história. Tenho muito orgulho de contribuir com esse momento ao lado do prefeito Arnaldinho Borgo, buscando recursos em Brasília e trabalhando em parceria com o Governo Federal e o Governo do Estado. São investimentos que estão saindo do papel e chegando na vida das pessoas, com obras, moradia, saúde,

DIVULGAÇÃO



“Esses investimentos estão saindo do papel e chegando na vida das pessoas”

VICTOR LINHALIS, deputado

segurança, esporte e mais qualidade de vida para a nossa população”, destacou Victor Linhalis.

O direcionamento desses valores visa subsidiar o plano plurianual de metas da cidade, garantindo a execução de intervenções de engenharia e a descentralização dos serviços públicos.

Dentro da distribuição do montante global, a área da saúde pública recebeu a destinação de R\$ 75 milhões. Os recursos têm como finalidade a manutenção e a expansão da rede de média e alta complexidade, além do custeio da Atenção Primária.

Do valor total, parte significativa foi repassada para o fortalecimento de instituições filantrópicas que prestam atendimento complementar ao Sistema Único de Saúde (SUS), como o Hospital Evangélico de Vila Velha, permitindo a contratualização de novos leitos e exames especializados.

Outra fração do recurso é aplicada diretamente na infraestrutura municipal, custeando o projeto de construção, reforma e ampliação de Unidades Básicas de Saúde (UBS) em quadrantes estratégicos do município. Os valores também cobrem a aquisição de insumos hospitalares de uso contínuo, renovação de parques tecnológicos de diagnóstico e o abastecimento regular do estoque de medicamentos distribuídos gratuitamente à população regulada.

INTERESSE SOCIAL

O planejamento urbano focado na redução do déficit habitacional concentra investimentos na ordem de R\$ 300 milhões. Este montante foi integralmente viabilizado por meio de contratos com a Caixa Econômica Federal e o Ministério das Cidades, vinculados a programas nacionais de habitação popular. O objetivo técnico é assegurar moradia digna e regularizada para famílias em situação de vulnerabilidade social ou residentes em áreas de risco geológico no município.

Atualmente, os recursos asseguram o andamento das obras civis de grandes complexos habitacionais. Entre as intervenções prioritárias estão as unidades dos residenciais Jabaeté I e Jabaeté II, localizados na Região 5, além do Residencial Encantado. Os projetos arquitetônicos incluem não apenas a edificação das moradias, mas também a implementação de infraestrutura básica no entorno, como redes de esgotamento sanitário, abastecimento de água potável, iluminação pública e pavimentação das vias de acesso.



DIVULGAÇÃO

Ao todo, Vila Velha contabiliza o aporte de mais de R\$ 1,1 bilhão para o desenvolvimento da cidade

Infraestrutura e mobilidade

A REESTRUTURAÇÃO da malha viária e os sistemas de drenagem do município contam com um aporte direto de R\$ 44 milhões. As intervenções de engenharia civil concentram-se na pavimentação asfáltica, pavimentação em blocos intertravados e na implantação de redes de drenagem pluvial, com destaque para frentes de trabalho em andamento no bairro Ponta da Fruta e balneários vizinhos.

O plano abrange ainda melhorias na sinalização viária e no mobiliário urbano para qualificar o fluxo turístico da região litorânea. Paralelamente, os recursos custeiam a implantação da primeira Casa da Mulher Brasileira em Vila Velha, um equipamento público projetado para o acolhimento integrado e assistência jurídica, psicológica e social a mulheres.

Complementando as grandes intervenções, o município conta com R\$ 663 milhões garantidos



DIVULGAÇÃO

Município conta com R\$ 633 milhões do Novo PAC e convênios técnicos com a União

por contratos vinculados ao Programa de Aceleração do Crescimento (Novo PAC) e convênios técnicos com a União. O escopo dos contratos prevê a construção de

novas unidades escolares de ensino fundamental e infantil, a implantação de Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) e a execução de obras macroestruturais de macrodrenagem, voltadas a mitigar os impactos históricos de alagamentos em bacias hidrográficas urbanas da cidade.

Por fim, o cinturão verde e as áreas produtoras do município receberam R\$ 1,27 milhão para o desenvolvimento da agricultura familiar. A dotação foi convertida na aquisição de maquinário pesado e implementos agrícolas de tração, como tratores e microtratores, geridos em regime de cooperativismo ou por associações locais. O maquinário é utilizado para dar suporte técnico gratuito aos pequenos produtores rurais, otimizando o manejo do solo, reduzindo os custos de produção e ampliando a capacidade de escoamento dos alimentos produzidos nas zonas rurais de Vila Velha.

Segurança Pública Municipal

NO SETOR de segurança e ordem pública, o planejamento municipal recebeu o reforço orçamentário de mais de R\$ 50 milhões, unindo investimentos em aparelhagem e ações sócio esportivas. O plano de aplicação de R\$ 14 milhões exclusivamente para o reaparelhamento e a modernização tecnológica da Guarda Municipal de Vila Velha.

Os investimentos viabilizaram a aquisição de novas viaturas operacionais, vans para transporte de patrulhas e motocicletas para rondas ostensivas.

O aporte financeiro também contempla o subsídio tecnológico de videomonitoramento do município. Foram adquiridas câmeras com tecnologia OCR (reconhecimento óptico de caracteres) para leitura automática de placas veiculares, interligadas à central de inteligência da corporação, além de drones para imageamento aéreo e suporte a operações preventivas. Os recursos cobrem ainda a compra de novos lotes de munições e equipamentos de proteção individual para o efetivo.

A descentralização das opções de lazer e esporte nos bairros absorve R\$ 32 milhões do montante global. Os contratos em execução preveem a reforma de quadras poliesportivas, a construção de campos de futebol com gramado sintético, além da instalação de playgrounds e academias populares de ginástica ao ar livre em diversas praças públicas. O investimento é associado a programas de assistência social que utilizam o esporte como ferramenta de inclusão comunitária.